

**RELAÇÃO ENTRE VIOLENCIA CONTRA MULHER EM SERGIPE E PERFIL  
SOCIODEMOGRÁFICO DAS VÍTIMAS**

**RELATIONSHIP BETWEEN VIOLENCE AGAINST WOMEN IN SERGIPE AND  
THE SOCIODEMOGRAPHIC PROFILE OF THE VICTIMS**

**LA RELACIÓN ENTRE VIOLENCIA CONTRA MUJERES EN SERGIPE Y EL  
PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO DE LAS VÍCTIMAS**

 <https://doi.org/10.56238/arev7n6-037>

**Data de submissão:** 04/05/2025

**Data de publicação:** 04/06/2025

**Simone Figueiredo Freitas de Campos**

**Yasmim Dória Cardoso Gois**

**Edlam de Souza Santos**

**Ana Paula Wenceslau Ribeiro**

**Maria Bernadete Galrão de Almeida Figueiredo**

**Sonia Oliveira Lima**

---

**RESUMO**

A violência doméstica contra a mulher é um problema complexo com sérias consequências para a saúde física, emocional e psicológica das vítimas. O estudo busca identificar associações da violência contra mulher, em ambiente doméstico ou não, com as características sociodemográficas das vítimas no Estado de Sergipe. Trata-se de um estudo ecológico com dados secundários do Observatório "Maria Beatriz Nascimento" no período de 2021 a 2023. Os resultados revelam que a maior proporção de violência contra a mulher fora do ambiente familiar ocorreu no período diurno, enquanto a violência doméstica foi mais prevalente no período noturno. A violência psicológica apresentou maior porcentagem, superando outras modalidades como a violência física, moral e sexual nos dois grupos. Conclui-se que as desigualdades sociodemográficas observadas indicam que a vulnerabilidade feminina está fortemente ligada a determinantes estruturais e relacionais. A violência contra a mulher é um problema complexo e para enfrentá-la, são necessárias ações integradas, capacitação dos serviços de saúde, além da implementação de estratégias eficazes de prevenção e apoio.

**Palavras-chave:** Violência Doméstica. Violência contra a Mulher. Saúde da Mulher.

**ABSTRACT**

Domestic violence against women is a complex problem with serious consequences for the physical, emotional and psychological health of victims. The study seeks to identify associations between violence against women, whether domestic or not, and the sociodemographic characteristics of the victims in the state of Sergipe. This is an ecological study using secondary data from the "Maria Beatriz Nascimento" Observatory from 2021 to 2023. The results show that the highest proportion of violence against women outside the family environment occurred in the daytime, while domestic violence was more prevalent at night. Psychological violence had the highest percentage, surpassing other modalities

such as physical, moral and sexual violence in both groups. We conclude that the sociodemographic inequalities observed indicate that female vulnerability is strongly linked to structural and relational determinants. Violence against women is a complex problem and to tackle it, integrated actions are needed, as well as training for health services and the implementing of effective prevention and support strategies.

**Keywords:** Domestic Violence. Violence Against Women. Women's Health.

## **RESUMEN**

La violencia doméstica contra las mujeres es un problema complejo con graves consecuencias para la salud física, emocional y psicológica de las víctimas. El estudio trató de identificar asociaciones entre la violencia contra las mujeres, doméstica o no las características sociodemográficas de las víctimas en el estado de Sergipe. Se trata de un estudio ecológico que utiliza datos secundarios del Observatorio “Maria Beatriz Nascimento” del 2021 al 2023. Los resultados muestran que la mayor proporción de violencia contra la mujer fuera del entorno familiar se produjo durante el día, mientras que la violencia doméstica fue más frecuente por la noche. La violencia psicológica tuvo el mayor porcentaje, superando otras modalidades como la violencia física, moral y sexual en ambos grupos. Concluimos que las desigualdades sociodemográficas observadas indican que la vulnerabilidad femenina está fuertemente ligada a determinantes estructurales y relacionales. La violencia contra las mujeres es un problema complejo y para atajarlo son necesarias acciones integradas, la formación de los servicios sanitarios, así como la aplicación de estrategias eficaces de prevención y apoyo.

**Palabras clave:** Violencia Doméstica. Violence contra la Mujer. Salud de la Mujer.

## 1 INTRODUÇÃO

A violência contra a mulher abrange qualquer ato de agressão ou abuso cometido contra ela, seja no ambiente doméstico ou fora dele. No contexto doméstico, a violência pode ocorrer dentro do lar e está geralmente relacionada ao parceiro íntimo ou a outros membros da família. Já a violência contra a mulher, de maneira mais ampla, engloba todas as formas de agressões, independentemente do local, e o agressor geralmente não tem vínculo familiar ou íntimo com a vítima (Machado, Castanheira e Almeida, 2021).

A violência contra a mulher, em ambiente doméstico ou fora dele, é um fenômeno complexo que afeta milhões de mulheres em todo o mundo, com graves consequências para a saúde física, emocional e psicológica das vítimas. A prevalência da violência é influenciada por múltiplos fatores, como características sociodemográficas, o contexto econômico e o ambiente familiar das vítimas (Engel, 2020; Viana *et al.*, 2018). A violência contra a mulher continua sendo uma questão a ser coibida por gerar impactos significativos não apenas nas vítimas, mas também em suas famílias e na sociedade como um todo (Gomes *et al.*, 2023; Oliveira Góes, de *et al.*, 2022)

As características sociodemográficas desempenham um papel fundamental na dinâmica da violência contra a mulher, influenciando sua vulnerabilidade e a forma como ela vivencia o abuso. Fatores como idade, escolaridade, estado civil, ocupação/trabalho, situação habitacional estão diretamente associadas ao risco de ser vítima de violência. Mulheres com menor nível de escolaridade, por exemplo, frequentemente enfrentam barreiras para acessar informações sobre seus direitos e para buscar ajuda, o que as torna mais dependentes de seus parceiros e, consequentemente, mais suscetíveis a abusos (Meira *et al.*, 2023; Silva e Oliveira, 2015; Vieira *et al.*, 2008)

As mulheres que não exercem atividade remunerada podem estar mais vulneráveis a ocorrência da violência doméstica, uma vez que a dependência financeira tende a limitar suas possibilidades de rompimento com a relação abusiva. A ausência de autonomia econômica frequentemente dificulta a tomada de decisões e o afastamento do agressor. Mulheres solteiras ou inseridas em relações instáveis também podem se ver em contextos de maior vulnerabilidade, estando mais expostas a episódios de violência por parte de parceiros ou ex-parceiros (Gomes *et al.*, 2023b; Miyazawa *et al.*, 2024)

Dessa forma, os fatores sociais e demográficos não apenas determinam a exposição ao risco de violência, mas também influenciam a capacidade da mulher de se libertar desse ciclo de abuso. Diante disso, este estudo tem como objetivo identificar associações da violência contra a mulher, em ambiente doméstico ou não, com as características sociodemográficas das vítimas no Estado de Sergipe.

## 2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo ecológico no qual foram utilizados dados secundários provenientes do Observatório "Maria Beatriz Nascimento", de acesso público. Esse observatório é mantido pela Coordenadoria de Estatística e Análise Criminal (CEACrim), vinculada à Secretaria de Segurança Pública do Estado de Sergipe. A responsabilidade pelo recebimento, organização e alimentação das informações no referido sistema cabe à Secretaria de Estado de Políticas para as Mulheres (SPM) que atua como gestora dos dados relacionados a violência de gênero no Estado. Os dados analisados referem-se às denúncias registradas por mulheres vítimas de violência no estado de Sergipe, no período de 2021 a 2023, e foram extraídos da base em 16 de maio de 2024.

O Estado de Sergipe está localizado no Nordeste brasileiro, sendo a menor unidade federativa do território nacional, ocupando uma área total de 21.938 km<sup>2</sup>, o que equivale a 0,26% do território nacional e 1,4% da região. O estado é composto por 75 municípios que fazem parte de três mesorregiões: Leste, Agreste e Sertão. Em 2021, Sergipe tinha uma população estimada de 2.338.474 habitantes, possuindo uma densidade demográfica de 100,74 hab/km<sup>2</sup> (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2023).

Para a análise, a fim de identificar associações entre a violência contra a mulher e as características sociodemográficas da vítima, foi adotado o teste de Qui-quadrado de Pearson. Para mensuração do tamanho de efeito, foi adotado o V de Cramer, este varia de 0 a 1 e mede a força da associação entre tabelas superiores a 2x2 (Field, 2021). A interpretação do V de Cramer seguiu os pontos de corte estabelecidos (Akoglu, 2018), no qual:

- >0,250 – Muito forte
- >0,150 – Forte
- >0,100 – Moderado
- >0,050 – Fraco
- >0 – Sem força ou muito fraco

Foram calculadas as razões de chances (*odds ratio*, OR) e seus respectivos Intervalos de Confiança de 95% (IC95%) para comparação entre grupos significativos. As análises foram realizadas no SPSS versão 25.

## 3 RESULTADOS

A Tabela 1, apresenta os dados descritivos das mulheres envolvidas nos registros de violência no estado de Sergipe, no período de 2021 a 2023. A tabela reúne informações sociodemográficas e

contextuais, permitindo uma caracterização detalhada das vítimas e a identificação de possíveis fatores associados à ocorrência da violência.

**Tabela 1.** Teste de Qui-quadrado para associação entre mulheres vítimas de violência, com as características sociodemográficas dos anos 2021, 2022 e 2023 no Estado de Sergipe, Brasil.

Características	Violência doméstica		V <sub>cramer</sub>	p-valor
	Não n (%)	Sim n (%)		
<b>Região de Sergipe</b>				
Alto Sertão Sergipano	4.044 (3,8)	2.154 (6,1)		
Baixo São Francisco Sergipano	3.620 (3,4)	1.514 (4,3)		
Centro Sul Sergipano	6.831 (6,4)	3.208 (9)		
Centro-oeste	8.785 (8,2)	4.391 (12,3)		
Grande Aracaju	68.799 (64,3)	18.617 (52,3)	0,114	<0,001
Leste Sergipano	3.576 (3,3)	1.272 (3,6)		
Médio Sertão Sergipano	2.382 (2,2)	925 (2,6)		
Sul Sergipano	8.907 (8,3)	3.497 (9,8)		
<b>Local da ocorrência</b>				
Área rural	5.188 (4,9)	2.154 (6,1)		
Área urbana	37.433 (35)	24.242 (68,1)	0,301	<0,001
Outros	64.323 (60,1)	9.182 (25,8)		
<b>Turno</b>				
Madrugada	8.337 (7,8)	3.709 (10,4)		
Matutino	36.351 (34,0)	9.536 (26,8)		
Vespertino	36.219 (33,9)	9.503 (26,7)	0,130	<0,001
Noturno	26.037 (24,3)	12.830 (36,1)		
<b>Tipo de violência</b>				
Violência física	4.886 (4,6)	6.809 (19,1)		
Violência moral	15.469 (14,5)	7.866 (22,1)		
Violência patrimonial	64.554 (60,4)	2.207 (6,2)	0,490	<0,001
Violência psicológica	19.367 (18,1)	17.074 (48,0)		
Violência sexual	2.668 (2,5)	1.622 (4,6)		
<b>Escolaridade</b>				
Ensino fundamental completo	1.216 (1,1)	493 (1,4)		
Ensino fundamental incompleto	6.267 (5,9)	4.073 (11,4)		
Ensino médio completo	8.293 (7,8)	2.490 (7)		
Ensino médio incompleto	2.811 (2,6)	1.497 (4,2)	0,119	<0,001
Ensino superior completo	4.834 (4,5)	774 (2,2)		
Sem informação	83.141 (77,7)	25.936 (72,9)		
Sem instrução	382 (0,4)	315 (0,9)		
<b>Estado civil</b>				
Casado(a)	20.197 (18,9)	3.233 (9,1)		
Divorciado(a)	6.688 (6,3)	1.301 (3,7)		
Sem Informação	13.005 (12,2)	5.118 (14,4)		
Separado(a)	1.453 (1,4)	1.115 (3,1)	0,181	<0,001
Solteiro(a)	50.205 (46,9)	16.722 (47)		
União Estável	11.579 (10,8)	7.409 (20,8)		
Viúvo(a)	3.817 (3,6)	680 (1,9)		
<b>Faixa etária</b>				
<18 anos	6.375 (6)	2.657 (7,5)		
>65 anos	6.040 (5,6)	977 (2,7)		
18 a 24	15.651 (14,6)	6.407 (18)		
25 a 29	14.015 (13,1)	5.454 (15,3)	0,091	<0,001
30 a 34	13.220 (12,4)	5.186 (14,6)		
35 a 64	51.326 (48)	14.826 (41,7)		
Sem informação	317 (0,3)	71 (0,2)		
<b>Orientação sexual</b>				

Assexual	22 (0)	6 (0)		
Bissexual	273 (0,3)	51 (0,1)		
Heterossexual	29.588 (27,7)	11.325 (31,8)	0,041	<0,001
Homossexual	535 (0,5)	179 (0,5)		
Sem Informação	76.526 (71,6)	24.017 (67,5)		
<b>Profissão</b>				
Agricultor	4.560 (4,3)	2.975 (8,4)		
Aposentado	6.343 (5,9)	1.081 (3)		
Autônomo	7.749 (7,2)	2.381 (6,7)		
Carteira assinada	46.956 (43,9)	11.931 (33,5)	0,177	<0,001
Desempregado	3.042 (2,8)	2.517 (7,1)		
Do Lar	8.604 (8)	5.231 (14,7)		
Estudante	7.861 (7,4)	2.529 (7,1)		
Sem informação	21.829 (20,4)	6.933 (19,5)		
<b>Raça/cor</b>				
Amarela	794 (0,7)	131 (0,4)		
Branca	22.897 (21,4)	6.070 (17,1)		
Indígena	125 (0,1)	30 (0,1)		
Parda	52.249 (48,9)	18.645 (52,4)	0,064	<0,001
Preta	11.292 (10,6)	4.732 (13,3)		
Sem Informação	19.587 (18,3)	5.970 (16,8)		

**Fonte:** Dados da pesquisa, 2024

Na Tabela 1, nos anos de 2021 a 2023 foi observado no Estado de Sergipe um aumento do número de vítimas de violência contra a mulher. 25% dessas violências ocorreram em ambiente domiciliar, relacionado com a Lei Maria da Penha, e 75% aconteceram em outros lugares, como praças, ponto de ônibus, dentre outros.

A maior concentração de casos foi observada na região da Grande Aracaju, com 52,3% vítimas de violência doméstica, enquanto 64,3% sofreram violência não relacionada ao ambiente familiar. Em seguida, destaca-se o Centro-Oeste Sergipano, com 12,3% dos casos de violência doméstica. Na violência não relacionada ao contexto familiar, o sul sergipano foi a segunda região a apresentar elevada taxa (8,3%). Por outro lado, o Leste Sergipano e o Médio Sertão Sergipano apresentaram as menores taxas: no Leste Sergipano, 3,6% vítimas de violência doméstica e 3,3% de violência fora do ambiente familiar; já no Médio Sergipano, 2,6% para violência doméstica e 2,2% para violência não doméstica. A maioria das ocorrências de violência doméstica aconteceu em áreas urbanas (68,1%), e a violência não relacionada ao ambiente doméstico concentraram-se, majoritariamente, em locais não especificados pelas vítimas (60%) conforme apresentado na Tabela 1.

Mulheres com emprego formal (carteira assinada) representaram uma parcela significativamente maior entre aquelas que não foram vítimas de violência doméstica (43,9%) em comparação às que sofreram violência doméstica (33,5%). A faixa etária predominante em ambos os grupos é de mulheres entre 35 e 64 anos, representando 48% em ambiente não doméstico e 41,7% de violência doméstica. Quanto à raça/cor, observou-se que a maioria das mulheres em ambos os grupos se autodeclararam pardas, Tabela 1.

Os dados sobre a escolaridade revelaram que a maioria das vítimas nos dois grupos não possui informação registrada quanto ao nível educacional, correspondendo a 77,7% entre as vítimas de violência não doméstica e 72,9% entre as vítimas de violência doméstica. Observou-se uma maior proporção com ensino fundamental incompleto (11,4%) e ensino médio incompleto (4,2%), entre as vítimas de violência doméstica, enquanto entre aquelas que sofreram violência não relacionada ao ambiente familiar, destacaram-se os percentuais de ensino médio completo (7,8%) e ensino fundamental incompleto (5,9%), Tabela 1.

Observou-se que o estado civil “solteira” representa a maior porcentagem em ambos os grupos e que ocorrência de violência contra as mulheres solteiras foi similar em relação a violência doméstica (46,9%) e a violência não relacionada ao ambiente familiar (47%). Na violência doméstica, a maioria dos parceiros cometeram violência psicológica (48%), violência moral (22,1%) e violência física (19,1%). Já na violência não relacionada ao ambiente doméstico, 60,4% foram violência patrimonial. A violência doméstica predominou no período noturno (36,1%), enquanto a violência contra a mulher fora do ambiente familiar foi comum durante o dia, com 34% ocorrendo no turno matutino e 33,9% no vespertino, Tabela 1.

**Tabela 2.** Abusos psicológicos entre mulheres vítimas de violência nos anos 2021, 2022 e 2023 no Estado de Sergipe, Brasil.

Categoria	Número de mulheres	Porcentagem (%)	Probabilidade	Odds (Chances)	Razão de Chances (Odds Ratio)
Violência psicológica entre vítimas de violência doméstica	17.074	48,0	0,4785	0,917	3,26
Violência psicológica entre vítimas de violência não doméstica	19.367	18,1	0,2197	0,2816	-

**Fonte:** Dados da pesquisa, 2024

A Tabela 2 mostra que dentre as vítimas de violência doméstica, 17.074 relataram ter sofrido violência psicológica, representando 48% desse grupo. Esta proporção corresponde a uma probabilidade de 47,85% e a uma *odds* (chance) de 0,917 para esse tipo de violência. Por outro lado, das mulheres vítimas de violência não relacionada ao ambiente familiar, 19.367 relataram violência psicológica, o que representou apenas 18,1% do grupo, com uma probabilidade de 21,97%, e *odds* (chance) de 0,2816. Observou-se que mulheres vítimas de violência doméstica têm aproximadamente 3,26 vezes mais chances de sofrerem violência psicológica em comparação às mulheres vítimas de violência não doméstica.

**Tabela 3.** Ocorrência de violência contra mulher por turnos nos anos 2021, 2022 e 2023 no Estado de Sergipe, Brasil.

Turno	Violência Doméstica	Violência não relacionada ao ambiente doméstico	Probabilidade de Violência Doméstica	Odds de Violência Doméstica	Razão de Chances (Odds Ratio)
Noturno	12.830	26.037	0,330	0,4925	1,88
Matutino	9.536	36.351	0,208	0,2626	-
Vespertino	9.503	36.219	0,208	0,2626	-

**Fonte:** Dados da pesquisa, 2024

A Tabela 3, mostra a distribuição dos casos de violência, segundo os turnos do dia, revelando diferenças marcantes na proporção entre a violência doméstica e a violência fora do contexto familiar. Durante o período noturno, foram registrados 12.830 casos de violência doméstica e 26.037 de violência não doméstica, totalizando 38.867 ocorrências. Nos turnos matutino e vespertino, os padrões são bastante semelhantes: pela manhã, 9.536 foram classificados como violência doméstica (20,8%) e 36.351 como violência não doméstica (79,2%); à tarde, 9.503 foram de violência doméstica (20,8%) e 36.219 de não doméstica (79,2%). A *odds ratio* de 1,88 mostra que a chance de um caso ser de violência doméstica (em comparação com violência não doméstica) é 1,88 vezes maior no período noturno em relação ao período da manhã e da tarde.

#### 4 DISCUSSÃO

A análise dos dados descritivos revelou um panorama multifacetado da violência contra a mulher no estado de Sergipe entre os anos de 2021 e 2023. A região da Grande Aracaju apresentou as maiores taxas de violência, tanto doméstica quanto não relacionada ao ambiente familiar. Por ser a região mais populosa e urbanizada de Sergipe, concentra uma maior densidade demográfica, além de maior acesso a serviços públicos e canais de denúncia, o que pode favorecer o registro formal dos casos. Além disso, o maior desenvolvimento urbano pode refletir também em maior visibilidade e enfrentamento da violência, em contraste com outras regiões do estado onde a subnotificação pode ser mais frequente devido a barreiras como o isolamento geográfico, escassez de serviços especializados e menor conscientização da população (Nogueira, 2004; Oliveira *et al.*, 2021a; Vasconcelos *et al.*, 2024).

Observou-se que a maior proporção de violência contra a mulher fora do ambiente familiar ocorreu no período diurno (manhã e tarde), enquanto a violência doméstica foi mais prevalente no período noturno. A associação entre o horário noturno e a ocorrência de violência familiar foi considerada forte. As mulheres têm 1,88 vezes mais chances de serem vítimas de violência doméstica no período noturno em comparação àquelas que não convivem com parceiro.

Esse fenômeno pode ser explicado pelo fato de que mulheres que possuem parceiros, geralmente passam mais tempo juntos no período noturno, quando o parceiro, a vítima ou ambos retornam para casa após o trabalho. Durante a noite, a presença do casal tende a ser mais constante, já que ambos estão em mesmo ambiente, diferentemente do período diurno, quando pelo menos um deles pode estar ausente, seja por motivos de trabalho ou para resolver outras atividades. Esse maior convívio noturno pode intensificar a interação e, em alguns casos, aumentar a tensão, se houver conflitos não resolvidos (Kiani *et al.*, 2021; Richter, Costa, Silva, 2023).

O ambiente domiciliar noturno, que deveria ser um espaço de tranquilidade e descanso, torna-se um cenário propício para a violência. Nesse período, as mulheres estão mais vulneráveis a ataques, uma vez que a intimidade pode facilitar a expressão de agressões, tanto físicas quanto emocionais. Além disso, o estresse acumulado durante o dia, exacerbado por fatores externos como dificuldades financeiras ou problemas no trabalho, pode se manifestar em comportamentos abusivos quando os casais se reúnem à noite (Cargnini *et al.*, 2021; Gomes *et al.*, 2023).

Dentre os tipos de violência doméstica identificadas na análise, a psicológica apresentou maior proporção, superando outras modalidades, como a violência física, moral e sexual. Esse achado reforça a forte relação entre violência psicológica e o contexto doméstico. Observou-se ainda que as vítimas de violência doméstica têm até três vezes mais chances de sofrerem esse tipo de agressão, em comparação àquelas envolvidas em casos de violência psicológica ocorridos fora do ambiente familiar. Tal evidencia pode estar relacionada à dependência emocional que muitas mulheres desenvolvem em relação a seus parceiros, o que favorece o surgimento de relações abusivas (Silva; Silva; Hanna, 2023).

A violência psicológica envolve manipulação emocional, humilhações constantes, ameaças e controle coercitivo, e muitas vezes precede ou acompanha outras formas de agressão. É uma forma prevalente de abuso dentro do contexto doméstico. A maior incidência da violência psicológica se dá pela dificuldade de identificação e pelo fato de que não deixa marcas físicas visíveis, tornando-se um meio insidioso de subjugar e controlar a vítima ao longo do tempo. A consequência emocional e mental dessas agressões é profunda e de longo prazo, afetando diretamente a autoestima e a capacidade de autonomia das mulheres que a vivenciam (Lourenço; Costa, 2020; Oliveira *et al.*, 2021b).

Quanto à escolaridade e orientação sexual, observou-se uma ausência significativa de informações, o que limitou a possibilidade de se estabelecer conclusões assertivas sobre o perfil sociodemográfico das vítimas. Isto está relacionado com a falha no processo de captação dos dados durante as denúncias das mulheres vítimas de violência. A falta de treinamento adequado dos agentes de segurança pública responsáveis pelo registro de denúncias pode ser um fator crucial na subnotificação da violência de gênero. Alguns profissionais demonstram preconceito e julgamento, o

que prejudica as vítimas que mais precisam de apoio. Além disso, a dificuldade de acesso aos serviços essenciais, como saúde, delegacias e transporte público, especialmente em áreas vulneráveis, também contribui para a não denúncia. A carência de profissionais capacitados e a falta de integração entre os serviços públicos agravam ainda mais a situação (Oliveira Ruiz *et al.*, 2022; Vasconcelos *et al.*, 2024).

Sabe-se que a escolaridade pode influenciar na maior vulnerabilidade a situações de violência. A escolaridade baixa muitas vezes limita o acesso a oportunidades de emprego e renda própria, tornando essas mulheres mais dependentes financeiramente e emocionalmente de seus parceiros. O nível educacional reduzido pode influenciar diretamente o conhecimento que essas mulheres têm sobre seus direitos, o que diminui a chance de buscarem ajuda legal ou de recorrerem a serviços de apoio. Em muitos casos, essas mulheres não têm acesso a informações sobre como identificar ou denunciar o abuso, permanecendo em silêncio por medo de represálias ou por acreditarem que não há alternativas viáveis (Alves, 2021; Meira *et al.*, 2023).

Houve uma associação significativa entre estado civil e violência doméstica ( $p \leq 0,001$ ). Ao comparar os grupos vítimas de violência doméstica ou não, observou-se que mulheres solteiras e em união estável apresentam maior exposição à violência, enquanto as viúvas demonstraram menor prevalência. Embora seja comum associar a violência doméstica a relacionamentos conjugais, mulheres solteiras também podem ser vítimas de abusos, muitas vezes por parte de ex-parceiros, familiares ou pessoas com quem convivem (Bezerra; Rodrigues, 2021; Stochero; Pinto, 2024).

A violência contra a mulher não só interfere na saúde individual, como no ambiente familiar e também da coletividade. Por ser um problema de saúde pública, a violência doméstica apresenta como consequência lesões, traumas físicos e emocionais, necessitando de serviços de saúde capacitados para oferecer o suporte necessários a estas mulheres vitimizadas (Lourenço; Costa, 2020).

É fato, a necessidade de investigação das consequências do impacto da violência contra a mulher em seu bem-estar e condições de saúde, bem como o fortalecimento de estratégias no enfrentamento de sequelas. É importante a implementação de novas iniciativas e ações que visam a redução da violência contra a mulher e que forneçam uma reabilitação adequada às vítimas (Kiani *et al.*, 2021; Mandalozzo; De Oliveira, 2024).

A principal limitação deste estudo é a grande quantidade de dados ausentes, o que dificulta uma análise mais detalhada sobre a relação entre escolaridade, por exemplo, e outros fatores. Para mitigar essa limitação, é importante adotar estratégias para garantir a coleta completa de dados durante as denúncias, como treinar os profissionais responsáveis para obter essas informações de forma mais eficiente no momento em que as vítimas fazem a denúncia.

## 5 CONCLUSÃO

A violência doméstica contra a mulher está fortemente associada ao período noturno, quando a convivência constante entre parceiros aumenta o risco de agressões físicas e psicológicas. Por outro lado, a violência fora do ambiente familiar predominou durante o período diurno, sugerindo que as dinâmicas externas e o contato social têm impacto nas ocorrências de agressões contra as mulheres. A violência psicológica foi a mais prevalente no âmbito doméstico, sendo difícil de identificar e deixando poucas marcas visíveis.

## 6 CONSIDERAÇÕES GERAIS

A violência contra a mulher continua sendo um problema complexo, envolvendo fatores como o ambiente de convivência, dependência emocional e falta de conhecimento sobre direitos. O impacto vai além da saúde física, afetando o bem-estar emocional das mulheres. Para enfrentá-la, são necessárias ações integradas, como a conscientização sobre os direitos das mulheres, punição dos agressores, a capacitação dos serviços de saúde, além de aperfeiçoar estratégias de prevenção e apoio a essas vítimas.

## REFERÊNCIAS

- AKOGLU, H. User's guide to correlation coefficients. *Turkish Journal of Emergency Medicine*, v. 18, n. 3, p. 91–93, set. 2018.
- ALVES, J. DA S. Violência doméstica contra mulheres e a relação possível com indicadores econômicos e sociais. *Revista Brasileira de Segurança Pública*, v. 15, n. 1, p. 112–121, 1 mar. 2021.
- BEZERRA, A. R.; RODRIGUES, Z. M. R. Violência contra mulheres: o perfil da vítima e do agressor em São Luís - MA. *Geography Department University of Sao Paulo*, v. 41, p. e176806, 22 jul. 2021.
- CARGNIN, J. S. S.; LUNA, J. S.; AGUIAR, D. M. DE; RODRIGUES, B. T. C.; FILHO, A. A. DE A.; SILVEIRA, R. P. Violência sexual em mulheres na Amazônia Ocidental. *Revista de Saúde Pública*, v. 55, p. 92, 26 nov. 2021.
- ENGEL, C. L. A violência contra a mulher. Em: INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA - IPEA (Ed.). [s.l: s.n.]. p. 60, 2020.
- FIELD, A. *Descobrindo a estatística usando o SPSS*. São Paulo: Penso, 2021.
- GOMES, L. V. C.; COÊLHO, H. F. C.; SAMPAIO, J.; SILVA, V. P. DE O.; LUCENA, K. D. T. DE; OLIVEIRA, C. D. B. Perfil de usuárias da Atenção Primária em Saúde no contexto da violência doméstica contra a mulher. *CONTRIBUCIONES A LAS CIENCIAS SOCIALES*, v. 16, n. 11, p. 28619–28636, 29 nov. 2023.
- GOMES, S. B. A. C.; NOVAIS, I. F. L.; BATISTA, O. D.; TORRES, J. J. B.; BORGES, M. E. S.; PAPILE, M. S. Estudo da violência doméstica contra a mulher durante a pandemia de covid-19 no estado de Sergipe, Brasil. *Revista Brasileira de Odontologia Legal*, v. 9, n. 3, 4 mar. 2023.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Área territorial oficial - Consulta por Unidade de Federação, 2023. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados>>. Acesso em: 19 mar. 2025.
- KIANI, Z.; SIMBAR, M.; FAKARI, F. R.; KAZEMI, S.; GHASEMI, V.; AZIMI, N.; MOKHTARIYAN, T.; BAZZAZIAN, S. A systematic review: Empowerment interventions to reduce domestic violence? *Aggression and Violent Behavior*, v. 58, p. 101585, maio 2021.
- LOURENÇO, L. M.; COSTA, D. P. Violência entre Parceiros Íntimos e as Implicações para a Saúde da Mulher. Gerais: *Revista Interinstitucional de Psicologia*, v. 13, n. 1, p. 1–18, 2020.
- MACHADO, D. F.; CASTANHEIRA, E. R. L.; ALMEIDA, M. A. S. DE. Interseções entre socialização de gênero e violência contra a mulher por parceiro íntimo. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 26, n. suppl 3, p. 5003–5012, out. 2021.
- MANDALOZZO, S. S. N.; OLIVEIRA, S. W. DE. Questão de cidadania: políticas públicas para mulheres vítimas de violência doméstica no Brasil. *ARACÊ*, v. 6, n. 4, p. 14664–14676, 13 dez. 2024.

MEIRA, M. L. M.; GOMES, I. C.; LUCENA, D. DE S.; NEGREIROS, R. V. DE; CASTRO, A. P. DE; LEITE, I. F.; FONSECA, E. N. R. DA; SOUSA, A. O. B.; MENDONÇA, A. F. DE A.; BARBOSA, G. V. A. Fatores sociodemográficos relacionados a violência doméstica contra a mulher em um município paraibano. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, v. 23, n. 12, p. e14673, 14 dez. 2023.

MIYAZAWA, A. P.; MARQUES, V. T.; SILVA, F. DA; CARVALHO, K. T. F.; ALVES, R. S. Caracterização das Ocorrências de violência contra a mulher registradas no Instituto Médico Legal em Alagoas (2019). *Interfaces Científicas - Direito*, v. 9, p. 64–79, 2024.

NOGUEIRA, A. D. Análise sintático-espacial das transformações urbanas de Aracaju (1855-2003). Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2004.

OLIVEIRA, A. S. L. A. DE; MOREIRA, L. R.; MEUCCI, R. D.; PALUDO, S. DOS S. Violência psicológica contra a mulher praticada por parceiro íntimo: estudo transversal em uma área rural do Rio Grande do Sul, 2017. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, v. 30, n. 4, 2021a.

\_\_\_\_\_. Violência psicológica contra a mulher praticada por parceiro íntimo: estudo transversal em uma área rural do Rio Grande do Sul, 2017. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, v. 30, n. 4, 2021b.

OLIVEIRA GÓES, M. A. DE; LIRA SOUZA, A. B.; ALVES DOS SANTOS, C.; CABRAL PIZZI TEIXEIRA, D.; SANTOS DA SILVA, K.; NASCIMENTO CERQUEIRA, C.; SOUZA DE OLIVEIRA, D. D.; JESUS MENEZES, V. DE; FEITOSA DE SOUZA, M. S. Covid-19 no Estado de Sergipe: a evolução epidemiológica e o enfrentamento de uma pandemia. *Revista Sergipana de Saúde Pública*, v. 1, n. 01 SE-Artigos originais, p. 14–28, 2022.

OLIVEIRA RUIZ, H. F. DE; DUSEK, P. M.; AVELAR, K. E. S.; MIRANDA, M. G. DE. Violência doméstica e quarentena: a subnotificação nos tempos de pandemia. *Revista da Seção Judiciária do Rio de Janeiro*, v. 26, n. 55, p. 43–63, 2022.

RICHTER, T. T.; COSTA, J. V. DA; SILVA, T. M. G. DA. Caracterização das notificações de violência contra mulheres em um município do interior do Paraná, 2015 a 2019. *Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR*, v. 27, n. 5, p. 3415–3432, 29 maio 2023.

SILVA, C. M. DA S.; SILVA, A. A. DA V.; HANNA, M. O. L. Danos psicológicos causados pela violência doméstica contra a mulher. *Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences*, v. 5, n. 4, p. 338–351, 7 ago. 2023.

SILVA, L. E. L. DA; OLIVEIRA, M. L. C. DE. Violência contra a mulher: revisão sistemática da produção científica nacional no período de 2009 a 2013. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 20, n. 11, p. 3523–3532, nov. 2015.

STOCHERO, L.; PINTO, L. W. Prevalência e fatores associados à violência contra as mulheres rurais: um estudo transversal, *Pesquisa Nacional de Saúde*, 2019. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 29, n. 1, 2024.

VASCONCELOS, N. M. DE; BERNAL, R. T. I.; SOUZA, J. B. DE; BORDONI, P. H. C.; STEIN, C.; COLL, C. DE V. N.; MURRAY, J.; MALTA, D. C. Subnotificação de violência contra as mulheres: uma análise de duas fontes de dados. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 29, n. 10, 2024.

VIANA, A. L.; LIRA, M. O. DE S. C. E; VIEIRA, M. C. A.; SARMENTO, S. S.; SOUZA, A. P. L. DE. Violência contra a mulher. *Revista de Enfermagem UFPE on line*, v. 12, n. 4, p. 923, 4 abr. 2018.

VIEIRA, L. J. E. DE S.; PORDEUS, A. M. J.; FERREIRA, R. C.; MOREIRA, D. P.; MAIA, P. B.; SAVIOLLI, K. C. Fatores de risco para violência contra a mulher no contexto doméstico e coletivo. *Saúde e Sociedade*, v. 17, n. 3, p. 113–125, set. 2008.